

MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR

Livro do Professor

Deuses, heróis e monstros: *Histórias da mitologia greco-romana para crianças*

**A.S. FRANCHINI E
CARMEN SEGANFREDO**

Adaptação de
ANA MARIZA FILIPOUSKI

Ilustrações de
EDUARDO UCHÔA



Produção de conteúdo:

**KÁTIA CHIARADIA
MARCELLA ABOUD**

NEWTEC

Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças

**A.S. FRANCHINI E
CARMEN SEGANFREDO**

Adaptação de
ANA MARIZA FILIPOUSKI

Ilustrações de
EDUARDO UCHÔA

Categoria 2:

OBRAS LITERÁRIAS DO 4º E 5º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Formato:

135MM X 205MM

Tema:

DIVERSÃO E AVENTURA

Gênero:

MITOS

Produção de conteúdo do material:

KÁTIA CHIARADIA

É graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio geek, meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura.

MARCELLA ABBOUD

É graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. É professora de Literatura e Língua Portuguesa e escritora. O mundo dos livros a cativa tanto que, hoje, faz curso de especialização em editoração. Para além da linguagem literária, outras duas são seus grandes amores: a moda e a dança.

1ª EDIÇÃO, 2021

NEWTEC



Sumário

Carta ao Professor	4
<i>Sobre os autores</i>	6
Por que adotar a obra <i>Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças?</i>	8
<i>Sobre o gênero: os mitos</i>	10
As linguagens: verbal e não verbal	12
A BNCC e o direito ao campo artístico-literário	13
<i>Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças: metodologia e propostas de atividades</i>	14
<i>Pré-leitura: duas aulas</i>	15
Aula 1: Situação comunicacional	15
Aula 2: Produção inicial	16
<i>Leitura: quatro aulas</i>	17
Aula 3: Leitura	17
Aulas 4 e 5: Análise linguística e semiótica	18
Aula 6: Leitura compartilhada	19
<i>Pós-leitura: três aulas</i>	21
Aula 7: Oralidade	21
Aulas 8 e 9: Produção de texto	23
Autoavaliação de engajamento	25
Adaptação para o remoto	26
Para além da sala de aula: registrando e compartilhando	26
A PNA e a Literacia Familiar	27
Referencial bibliográfico comentado	28
Indicação de leituras complementares	29
Indicação de obras que dialogam com <i>Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças</i>	30



Carta ao Professor

Cara professora, caro professor,

Trazemos até você um material pensado para ser um apoio no seu trabalho com a obra de Ademilson S. Franchini e Carmen Seganfredo, intitulada *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças*, a qual indicamos a estudantes de **4º e 5º anos**. Ilustrada por Eduardo Uchôa e adaptada por Ana Mariza Filipouski, trata-se de uma obra encantadora e divertida, que apresenta, com uma linguagem adaptada ao público infantil, parte essencial da mitologia greco-romana. Inserida na temática “**Diversão e aventura**”, é uma porta de entrada para o universo mitológico, com narrativas que nos transportam a outros mundos e nos fazem voar, lutar e vencer grandes oponentes. Além de instigar a imaginação, mitos de origem e fundantes são sempre um universo de descoberta e aventura!

Para nós, o trabalho em contexto escolar com esse título será capaz de assegurar e expandir a vivência da leitura literária a partir de histórias antigas, que são parte fundamental do patrimônio artístico universal. E há algo muito interessante na maneira como A.S. Franchini e Carmen Seganfredo redigem e Ana Mariza Filipouski adapta a obra: embora os mitos possuam elementos complexos – e os autores não abrem mão da complexidade –, eles são apresentados de maneira cativante e com linguagem acessível às crianças e jovens. É uma técnica bem calculada, capaz de transformar aprendizados seculares em textos que se comunicam com os jovens de hoje.

Por isso, com este material, convidamos você para assumir um papel muito especial na formação dos seus estudantes: **o de mediador(a) da vivência subjetiva de cada um deles com a nova vivência literária oferecida pelo mundo**. É um convite muito significativo, pois o ensino de literatura no Ensino Fundamental Anos Iniciais ocupa um papel de destaque na formação do leitor literário, uma vez que a literatura infantil, tal qual a literatura voltada para adultos, cumpre **funções essenciais na existência humana**. Fazemos das palavras de Teresa Colomer (2017, p. 19-20) as nossas:

Aqui se sustenta que a literatura para crianças e jovens deve ser, e ser vista, como literatura, e que as principais funções desses textos podem se resumir a três:

1. *Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade.*
2. *Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário.*
3. *Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações.*

Além desses aspectos que permeiam a literatura de todas as idades, mas que se destacam sobremaneira para as crianças, acreditamos na força da literatura como **motriz de mudança do mundo**. Aqui, a concepção de literatura que nos rege é aquela que a concebe como “aspecto orgânico da civilização [...] como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (CANDIDO, 2013, p. 25). Esse poder simbólico da literatura é o que permite a construção de um vasto repertório sobre a cultura e a civilização em que cada indivíduo está inserido, o que possibilita, além de uma melhor compreensão da sociedade, a projeção da criança sobre si, num movimento fundamental de construção da própria personalidade.

Por muito tempo, a literatura voltada para crianças ficou em segundo plano, inclusive ocupando uma função paradidática. Seu protagonismo vem sendo retomado à medida que se discute como o livro literário pode levar o trabalho em sala de aula para outro patamar, reconhecendo alguns de seus aspectos fundamentais, tais como:

- **A fruição via literatura:** um dos caminhos que queremos apontar em nosso material é o poder sem igual que o livro literário tem de aguçar a imaginação e o prazer pela leitura. Mas temos de pensar nele para além de seu tema, não esquecendo do nosso papel, enquanto professores(as), no desenvolvimento do aluno como leitor e curador das obras que estão ao seu dispor, cumprindo o indicado como Competência Específica 9 do componente de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018a, p. 87)

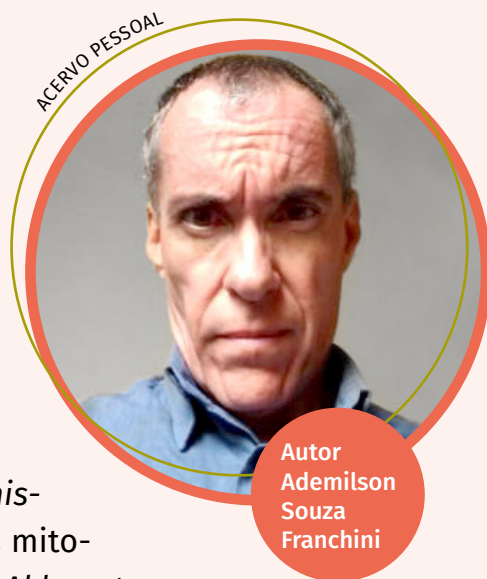
- **A construção de um cidadão crítico:** afinal, a literatura reproduz simbolicamente a nossa humanidade e nos propicia experiências de alteridade riquíssimas. Não à toa, ela foi classificada pelo professor Antonio Candido como um “direito humano”. É ele quem nos ensina que “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 186).
- **A análise dos gêneros textuais e das suas implicações no contexto sociocomunicativo:** enfim, como preconiza a BNCC, a habilidade de leitura deve incluir a compreensão das condições de produção e de recepção do texto como maneira, inclusive, de compreender as necessidades práticas e culturais de uma sociedade. Dentro do viés literário, cremos ser fundamental a compreensão de que a literatura é um sistema cuja recepção dialoga constantemente com a produção, gerando novos sentidos à existência.

Para que a literatura e todas as reflexões que a acompanham penetrem, se integrem e permaneçam no cotidiano escolar, é preciso alinhamento: de um lado, ampla oferta de livros literários para alunos e docentes, meta do **PNLD Literário**. Por outro, foco na formação literária dos docentes da educação básica e na viabilização de condições específicas para vivências neste campo de atuação, que é nossa proposta neste **Material Digital de Apoio à Prática do Professor**.

Por isso, as propostas de trabalho que apresentamos para o livro *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças* não se restringem (embora contemplem) à leitura, exclusivamente. E é por isso também que acreditamos que este material e este livro são a parte mais importante de uma longa caminhada, a ser ressignificada durante todo o Ensino Fundamental e Médio, cujo objetivo é o de formar um leitor literário apto e um cidadão empático, capaz de lidar com uma sociedade necessariamente múltipla e diversificada. Desejamos que cada professora e cada professor, junto a seus alunos, amplie as atividades propostas e enriqueça ainda mais seu trabalho em sala de aula.

Sobre os autores

Ademilson Souza Franchini nasceu em Carazinho, no Rio Grande do Sul, em 1964. Criou-se em Porto Alegre e, já na fase adulta, formou-se em Direito pela PUCRS. Sua real vocação, no entanto, era a literatura. Durante os onze anos que trabalhou como bancário, conheceu Carmen Seganfredo, com quem escreveu seu primeiro livro, *Irmãos Pitowkers*, vencedor do prêmio Açorianos de revelação literária de 1999. Eles ainda escreveram juntos diversos livros, como *As 100 melhores histórias da mitologia*, *As melhores histórias da mitologia nórdica*, e outros tratando de diferentes mitologias (hindu, egípcia, africana), além do romance histórico *Akhenaton e Nefertiti*. O livro mais recente de A.S. Franchini é *As melhores histórias das mitologias asteca, maia e inca*, um misto de lendas e aspectos históricos destas três civilizações ameríndias. Em 2012, seu *As 100 melhores lendas do folclore brasileiro* foi premiado com o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) na categoria Reconto.



Carmen Seganfredo nasceu em 1956. É bacharelada em Letras e tradutora pela PUCRS. Carmem tem dezesseis livros publicados em parceria com A.S. Franchini, como *Em mares nunca navegados*, *As 100 melhores histórias da Bíblia*, *As melhores histórias da mitologia egípcia*, *As melhores lendas medievais* e *Gilgamesh*. Entre seus trabalhos solo se destacam *As melhores histórias da mitologia chinesa* e *As mais originais histórias da mitologia galesa – Mabinogion*, entre outros. Como tradutora, Carmen publicou *Um conto de Natal*, de Charles Dickens. Atualmente, vive entre Porto Alegre e Vigevano, na Itália.

ACERVO PESSOAL



Ilustrador
Eduardo
Uchôa

Eduardo Uchôa, responsável por ilustrar a obra, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1967, mas mudou-se para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, há muito tempo, onde formou-se em Publicidade e Propaganda na UFRGS. Ilustrador e artista plástico, trabalha com desenho, pintura e criação gráfica analógica e digital. Por quase 25 anos exerceu atividades como ilustrador de matérias e crônicas, infografista, designer gráfico e diagramador para o jornal *Zero Hora*, tanto impresso

como digital. Também ilustrou vários livros e, como artista plástico, participou de diversas exposições no Brasil, em cidades como Porto Alegre e São Paulo, e em outros países, como Chile, México e Espanha.

Ana Mariza Filipouski, a adaptadora, é professora universitária (UFRGS), doutora em Teoria Literária (PUCRS) e formadora de professores. Criou e foi uma das coordenadoras do Núcleo de Integração Universidade e Escola, da UFRGS.

FABIANA UGHINI



Adaptadora
Ana Mariza
Filipouski

Kátia Chiaradia e Marcella Abboud



Por que adotar a obra *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças*?

Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças, de Ademilson S. Franchini e Carmen Seganfredo, ilustrada por Eduardo Uchôa e adaptada por Ana Mariza Filipouski, é uma antologia de dez mitos que retomam histórias da tradição greco-romana. Com uma linguagem acessível e ilustrações que fomentam a imaginação, o livro transporta seus leitores para o rico universo da mitologia, no qual deuses, heróis e monstros existem e vivem aventuras emocionantes. Os mitos de *Deuses, heróis e monstros* são parte fundamental do que hoje chamamos de “cultura ocidental”, pois os Impérios Grego e Romano, por seu poder econômico e político, influenciaram fortemente o que viria a ser a Europa. Ao longo dos séculos, a qualidade filosófica e literária dos gregos e romanos também não foi esquecida e, em diferentes momentos da história, era retomada, constituindo um verdadeiro marco de origem do que compreendemos como tradição ocidental. Em meio a essa efervescência cultural dos autores e artistas clássicos, os mitos têm um lugar de privilégio. Isso porque um mito não é só uma “história de ficção” como convenciamos chamar, mas, por muito tempo, foi um modelo ético, uma forma importante de ensinar valores sociais, via cultura oral. Era também por meio deles que se construía as narrativas de origem: sejam de sentimentos humanos ou de fenômenos da natureza. Para alguns autores, como é o caso do filósofo de origem romena Mircea Eliade (2007), os mitos não morrem com as sociedades que os criaram, mas ficam vivos em todas aquelas sociedades que herdaram sua herança cultural, como é o caso do Ocidente em relação à cultura greco-romana. Os mitos podem ser mitos fundadores, que explicam a origem de um rito ou de uma cidade; de origem ou de destruição, também narrativos ou de destino.

Em *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças*, passamos por muitos tipos de mitos: mitos de origem de lugares, fenômenos da natureza e até mitos que narram feitos heroicos, tipicamente narrativos. O mito que abre o livro é “O nascimento de Vênus”, um **mito de origem** daquela que é a mais bela de todas as criaturas, a deusa do amor. Tão logo somos transportados para o sofrimento de Narciso, o labirinto de Creta e conhecemos a história de Ícaro e o valor que há em obedecer aos pais, pois o perigo mora na prepotência. Outros valores também nos são apresentados: a vaidade de Narciso, a curiosidade de Pandora, a valentia de Perseu. Isso sem contar os monstros que encantam crianças desde muito tempo, como Pégaso e Minotauro, bem como os heróis que encarnam em si a pura valentia, como Teseu e Belerofonte.

A mitologia greco-romana, especialmente em contexto escolar, é um material muito rico: se, por um lado, constrói um repertório que permitirá à criança, ao longo da vida, compreender inúmeras **intertextualidades**; por outro, permite uma nova visão sobre estereótipos sociais. Exemplo disso é o caso de “O pomo da discórdia”, evento em que as

Intertextualidade é o nome dado à relação que se estabelece entre textos. Como a mitologia greco-romana é fundante em relação ao Ocidente, muitas intertextualidades se constroem em relação a ela.

deusas disputam para descobrir qual delas é a mais bonita. Embora a beleza seja ainda um valor socialmente enraizado e, inclusive, relacionado com as ideias preestabelecidas do que seja uma “deusa grega”, sabemos da importância de não incentivar a competitividade entre crianças, especialmente meninas. Evidenciar como a nossa cultura sofre, há milênios, dessa influência, é uma excelente oportunidade de ressignificá-la.

Além disso, professor(a), você deve ter percebido que as histórias mitológicas carregam muitos elementos violentos. Isso ocorre porque tanto os mitos quanto os contos de fada são textos simbólicos, nos quais os elementos da ação representam algo para além da ação em si, o que permite que o texto seja universalizável. Em outras palavras, um monstro mitológico, uma madrasta má, a morte de um herói transcendem o humano, buscando representar valores morais, como a importância da humildade ou mesmo a arrogância dos ideais heroicos.

A ilustração, a cargo de Eduardo Uchôa, acompanha esse processo de atualizar o que é clássico: a escolha por linhas fluidas, formas assimétricas, anatomias sem padronização fazem com que o universo greco-romano seja inevitavelmente repensado, pois a **arte mimética** clássica não é sequer referenciada. A união de texto escrito e ilustração traz dois textos para o leitor, um verbal e um não verbal, que passa a conectá-los em um só.

Arte mimética é a arte da mimese, isto é, um conceito grego que se refere à possibilidade de imitar ou representar. A arte grega era uma arte bastante voltada para a imitação da natureza.

O fato de os mitos orientarem um comportamento embasado no desfecho – quase sempre trágico – torna o livro ainda mais relevante para a educação de crianças e jovens (e por que não de adultos?). Nesse sentido, elaboramos uma tabela explicativa para auxiliar você, professor(a), a discutir com os alunos o aprendizado que cada mito carrega.

O nascimento de Vênus	Vênus é o nome romano de Afrodite, deusa do amor e da beleza. O mito narra seu nascimento: o encontro de um deus com a espuma do mar. A leitura deste mito é uma excelente oportunidade para apresentar aos alunos algumas referências visuais que representam essa cena, como o quadro “O nascimento de Vênus”, de Botticelli, desenvolvendo o repertório das crianças.
O pomo da discórdia	Juno, Vênus e Minerva, caindo numa peça pregada pela Discórdia, disputam para saber quem é a mais bela. Páris, incumbido de decidir entre as três, escolhe Vênus como a mais bela deusa, também porque ela lhe prometeu o amor da mais bela mortal, Helena. No final do mito, professor(a), você encontrará o caminho para uma das mais interessantes intertextualidades históricas: a origem da Guerra de Troia.
Eco e Narciso	Eco era uma ninfa tagarela que se desentendeu com Juno (nome romano de Hera) e teve como castigo sempre repetir as últimas palavras que escutar. Além de ser um mito de origem do fenômeno “eco”, fala da vaidade de Narciso e sua morte pela incapacidade de amar outro que não a si próprio.
Cupido e Psiquê	Esta é uma história de ciúmes: Vênus não se sentia confortável com a existência de uma humana cuja beleza fosse comparável à dela e decide se vingar de Psiquê. Pede então ao seu filho, Cupido, que faça com que Psiquê se apaixone por um monstro. Mas não sai tudo como o esperado, e Psiquê encanta ao próprio Cupido, que passa a ser seu esposo. Depois de uma série de desavenças e aventuras que Psiquê precisa enfrentar para ficar com o amado, o encontro dos dois é permitido. Além de o Cupido ser uma figura viva no repertório de muitos alunos, este mito é uma interessante oportunidade para que você, professor(a), discuta com os alunos sobre emoções e sentimentos humanos, como o amor, o ciúme, a inveja e a saudade, todos presentes na aventura de Psiquê.

Teseu e o Minotauro	“Nada demonstra melhor o caráter guerreiro e valente de Teseu”: assim começa o mito que conta um dos feitos mais heroicos da Grécia, a vitória de Teseu sobre o monstruoso Minotauro. Essa vitória foi possível com a ajuda de Ariadne, pondo fim à tirania que Creta exercia sobre Atenas. O mito de Teseu é um dos típicos mitos de valorização do herói e seus atributos, por isso, um momento produtivo para apresentar às crianças quais são os atributos do herói – e como ainda os valorizamos!
As asas de Ícaro	Um dos mitos mais emocionantes do livro, conta a história do genial Dédalo, preso com o filho Ícaro no labirinto que ele mesmo havia construído para abrigar o Minotauro. Para salvar a si e ao filho da prisão, constrói asas presas com cera. O aviso era certo: não voar muito perto do sol. Este mito, especialmente simbólico, ensina muito sobre o perigo que há em ser arrogante, desobedecendo o ensinamento do pai e morrendo. É também um mito de origem da região de nome Icária.
O toque de Midas	Neste mito, somos apresentados ao deus da festa e do vinho, Baco – nome romano de Dionísio –, e ao famoso rei Midas, que ganhou o direito de pedir o que quisesse. “Quero que tudo o que eu toque vire ouro”, pediu então. O que o rei não esperava era que o seu desejo seria uma fonte de males, não de alegria. Sua esposa, sua comida, tudo o que tocava se desfazia em ouro. Com a ajuda de Baco, Midas perdeu seus poderes, vivendo uma vida feliz em meio à simplicidade e deixando uma rica lição, para todos nós, sobre a ganância.
A caixa de Pandora	Epimeteu era irmão de Prometeu, o gigante que roubou o fogo dos céus e o entregou aos humanos e que, por isso, se desentendeu com Júpiter (nome romano de Zeus). Com medo que Júpiter se vingasse no irmão, Prometeu pediu que ele não aceitasse presentes. Mas Epimeteu não o ouviu e recebeu de bom grado uma mulher forjada por Vulcano e Minerva, que carregava consigo uma caixa que continha todos os males. O mito é uma oportunidade rica de repensar com as crianças a questão da curiosidade, mas também a importância da esperança.
Perseu e a cabeça da Medusa	Este mito conta a aventura de Perseu ao vencer uma das três górgonas, a monstruosa Medusa. Como não podia vê-la sem ser transformado em pedra, Perseu usa de toda sua habilidade e astúcia, usando do reflexo para localizá-la. O mito da Medusa é uma oportunidade de discutir com os alunos todos os atributos de herói que, ainda hoje, são amplamente explorados pela cultura, inclusive de super-heróis.
Belerofonte e Pégaso	Belerofonte é um herói quase imbatível, especialmente ao lado do seu fiel companheiro, o cavalo alado Pégaso. Mas, como mortal que era, sofreu da soberba de se achar invencível. Ao tentar intimidar Júpiter, o deus dos deuses transformou-se em mosca e picou o cavalo alado, que, no meio de toda a coceira, deixou cair o seu companheiro. O herói sobreviveu, mas precisou aprender a ser humilde. O mito, além de humanizar a figura do herói, permite uma rica reflexão com os alunos sobre a humildade, afinal até o deus dos deuses pode ser uma mosca e vencer uma batalha.

Entre o 4º e 5º ano, os estudantes estão começando a encerrar um primeiro ciclo de contato com gêneros textuais de diversos campos de atuação. Entre eles, estão os contos maravilhosos, as fábulas clássicas, o que lhes dá ferramentas para compreender o universo dos mitos, parte desse universo de textos que explicam sobre quem somos na sociedade.

Sobre o gênero: os mitos

Romances, contos, crônicas, mitos e novelas fazem parte do universo dos gêneros narrativos, aqueles responsáveis por **nos contar a história de personagens com passagem de tempo**. Os gêneros narrativos, como indica o próprio nome, têm narradores, que são as vozes que conduzem as histórias, em primeira ou terceira pessoa.

Os **mitos** são **narrativas predominantemente orais**, com características específicas quanto ao **tempo**, às **personagens** e ao **enredo**. Podemos dizer que os mitos são respostas literárias para a incerteza humana, elaborados na forma de narrativas de criação. Eles podem aparecer isolados ou mesclados a outros gêneros, como é o caso das epopeias e tragédias. Os mitos possuem alguns elementos específicos, os quais podem ser enumerados para fins didáticos. Alguns deles são:

- o tempo mitológico é sempre um tempo fabuloso, “do princípio” do Universo;
- os personagens são entes sobrenaturais;
- os mitos sempre revelam uma atividade criadora e sagrada;
- todo movimento no mito induz à vida da humanidade como a conhecemos.

É justamente nesse último ponto que está o elemento central do fascínio e do poder de influência das mitologias no campo artístico-literário, mas também no campo das relações da vida humana de maneira ampla: são narrativas que explicam e, na medida que explicam, também justificam o mundo que hoje habitamos. Muitos saberes passaram a ser naturalizados e considerados verdades a partir da herança cultural mitológica. No caso da obra *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças*, o que acontece é uma atualização na estrutura dos mitos clássicos. Não há, por exemplo, uma marcação clara de tempo mítico, e as personagens dialogam em discurso direto, sem tanta interferência do narrador. Isso é fundamental para que sejam compreendidos por crianças do 4º e 5º ano. Embora grande parte dos mitos conduza a temas sobre compreensão da humanidade, o fato de lermos os mitos com olhar contemporâneo os aproxima de um texto de entretenimento e fruição, deixando em um segundo plano seu caráter moralizante e sagrado.

Em *Deuses, heróis e monstros*, todos os mitos são escritos em terceira pessoa, com um narrador observador. Ainda que algumas histórias tenham personagens que dialogam entre si, por fazerem parte do mesmo universo – é o caso de Dédalo, pai de Ícaro, que também é o construtor do labirinto do Minotauro –, as histórias são autônomas, isto é, é possível compreendê-las encerradas em si mesmas. Todos os mitos têm predomínio do discurso direto.

Além de contemplar um conjunto de habilidades de Língua Portuguesa descritas mais à frente, cabe destacar aqui o relevante trabalho que *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças* faz ao contemplar de maneira primorosa as diretrizes da quarta Competência Específica da Área de Linguagens:

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. (BRASIL, 2018a, p. 65)

Em outras palavras, ao desenvolver um trabalho verbovisual, a utilização das diferentes linguagens está em harmonia no ensino de habilidades socioemocionais que promovem o respeito, a consciência crítica e os direitos humanos.

As linguagens: verbal e não verbal

A linguagem verbal e a não verbal (que inclui ilustração, escolha de fontes tipográficas e elementos estéticos presentes nas páginas) estão em perfeito encontro nesta obra, permitindo uma leitura **multissemiótica**. A semiose pode ser entendida como o significado e a sua interpretação. Ou seja, um texto multissemiótico possui várias camadas possíveis de interpretação, e explorá-las é um processo de aprendizagem e de fruição. A estratégia utilizada pelos autores em *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças* é narrar de maneira complementar, associando elementos do texto verbal, como falas do narrador e diálogos, às imagens. Todas as ilustrações buscam atualizar a linguagem clássica.

Em “Teseu e o Minotauro”, por exemplo, vemos a imagem de Teseu, em uma estética mais minimalista e infantil, segurando a cabeça do leão trazida por Hércules. Nas páginas seguintes, a ilustração do Minotauro, enorme e assustador, toma grande parte da página. Essas imagens (re)contam o mito utilizando ilustrações, são duas linguagens sobre o mesmo assunto.

Além disso, a relação entre as palavras e as imagens que as formam, sejam as ilustrações ou os elementos gráficos, imprime uma nova camada interpretativa: a do conjunto. A pesquisadora Sophie van der Linden dá a esse fenômeno o nome de “relação de colaboração”. Para ela, “identificar uma relação de colaboração significa considerar de que modo se combinam as forças e fraquezas próprias de cada código. Articula-

dos, textos e imagens constroem um discurso único”

(LINDEN, 2018, p. 121). Ou seja, lê-se o texto,

lê-se a ilustração e também o conjunto

“texto e ilustração”. Portanto, erra

aquele que, em um livro ilustrado,

entende as imagens apenas como

“enfeites” e não como outro texto,

que muito diz e compõe a obra.

Nesse sentido, enquanto a linguagem verbal descreve, as imagens explicam e materializam a descrição. Observamos isso no mito “O pomo da discórdia”, no qual vemos as três deusas disputando o pomo, em consonância ao texto escrito. Porém, a imagem que ocupa quase toda página também nos mostra como todas as três eram parecidas e bonitas, o que demarca a ideia de que a disputa era, inclusive, uma grande besteira.

Uma leitura **multissemiótica** é aquela que considera as várias linguagens (e, dentro delas, as várias semioses) de um texto, como, no caso do livro, a linguagem verbal e a linguagem visual (suas cores, formas e texturas).



Páginas 102 e 105:

A figura de Teseu criança com a cabeça de Leão e o assustador Minotauro compõem um quadro cuja possível interpretação seja que, desde muito pequeno, Teseu se preparava para ser um grande herói.



Página 123: Juno, Vênus e Minerva saltam tentando alcançar o pomo da discórdia. As três são muito parecidas e igualmente belas.

A BNCC e o direito ao campo artístico-literário

A literatura é um direito humano, defende Antonio Candido, para quem o direito de “cada um” não pode ser mais urgente que o direito do próximo. Explica o crítico: “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2004, p. 172).

Em seu ensaio “O direito à literatura”, que antecede em décadas a BNCC, o professor Antonio Candido já explicava a importância do ensino curricular e democrático da literatura nas escolas:

Por isso é que em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 2004, p. 175)

Assim, ainda que, enquanto vivência artística, a literatura brote e (se) faça brotar das subjetividades, ela também está necessariamente enraizada nas experiências coletivas, como aquelas favorecidas pela escola. Defender o direito à literatura hoje é, portanto, defender a presença real e inexorável do **campo artístico-literário** nas práticas das salas de aula que se redesenham com a BNCC.

Segundo a proposta instrucional da BNCC, os estudos literários estão presentes no **campo de atuação artístico-literário**, predominantemente na **prática de linguagem** constituída pela leitura. O **objeto de conhecimento** “Formação do leitor literário”, presente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, compreende um conjunto de habilidades do 1º ao 5º ano, as quais devem ser continuamente trabalhadas.

DE OLHO NA BNCC

O trabalho contínuo e consistente desenvolvendo as habilidades deste objeto preparará o estudante para o objeto “Adesão às práticas de leituras”, nos anos finais do Ensino Fundamental.

Objeto de conhecimento: Formação do leitor literário

Habilidades:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF35LP02) Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura.

(BRASIL, 2018a)

Observa-se, assim, que as habilidades na BNCC de Língua Portuguesa são consideradas sob as perspectivas da continuidade das aprendizagens e da integração dos eixos organizadores e dos **objetos de conhecimento** ao longo dos anos de escolarização. A habilidade **EF15LP15**, basal e cerne absoluto da proposta de se **formar um leitor literário**, tem expectativa de fluência e progressão ao longo de todos os anos iniciais (de 1º a 5º). Para desenvolvê-la é fundamental que:

sejam propostos critérios para a seleção de textos, livros e sites que: possuam qualidade estética; não subestimem a capacidade do leitor; abordem adequadamente os temas, do ponto de vista dos alunos; sejam representativos de diferentes culturas, inclusive as menos prestigiadas. É ainda necessário prever o desenvolvimento de projetos de leitura por autores, por gênero e por região, valorizando a cultura de diferentes grupos sociais. (BRASIL, 2018b)

Gostaríamos de ressaltar que o livro literário tem o poder de aguçar a imaginação e o prazer pela leitura, não esquecendo do nosso papel no desenvolvimento do aluno como leitor e curador, cumprindo o indicado como Competência Específica 5 de Linguagens para o Ensino Fundamental da BNCC:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018a, p. 65)

Processos reflexivos são frutos de experiências e vivências plurais, as quais, por sua vez, são favorecidas pela ampliação de repertório acadêmico, político, interpessoal, estético, entre outros.

Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças: metodologia e propostas de atividades

Sabemos que este livro é proposto para ser trabalhado primordialmente pela área de Linguagens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, por isso, recorreremos à BNCC para destacar aquilo que teremos como foco na aprendizagem, o aprofundamento das práticas da linguagem. A Base define quatro práticas de linguagem: leitura/escuta, produção de textos, análise linguística/semiótica e oralidade. Reforçando a proposta do trabalho contextualizado e a coerência com os usos sociais cotidianos da linguagem, essas quatro práticas são trazidas, aqui, em seus campos de atuação (BRASIL, 2018a, p. 89).

Pensando nisso, sugerimos a você, professor(a), uma sequência de atividades permeada pela metodologia dos autores Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e Michèle Noverraz (2004), segundo a qual a compreensão da situação comunicacional é a premissa de uma produção significativa. Essa compreensão é especialmente importante quando falamos em estudo das práticas de linguagem em situação escolar. Nossa escolha metodológica por **sequência** envolve, portanto, o desejo de criar um contexto de aprendizagem para que as atividades propostas efetivamente apoiem os estudantes a desenvolver suas habilidades linguísticas

e socioafetivas para, assim, se posicionarem com propriedade em situações sociocomunicativas nos diferentes campos de atuação de suas vidas, inclusive fora da escola.

Evidentemente, para nós, neste material, é o **texto literário** que está no centro de todo o processo de aprendizagem. Pensando pelo viés dos gêneros discursivos, buscaremos associar esse texto, bem como os demais textos envolvidos na sequência proposta, a seus contextos de recepção e de produção e “o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos” (BRASIL, 2018a, p. 67).

Além disso, todas as nossas propostas de atividades proporcionam o desenvolvimento da literacia intermediária, prevista pela PNA – Política Nacional de Alfabetização (2019) para os 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, na qual consistem as habilidades de literacia comuns a muitas tarefas, como a compreensão de textos, os significados de palavras comuns, os conhecimentos ortográficos e a fluência em leitura oral (BRASIL, 2019, p. 21).

Para fins didáticos, embora seja uma sequência orgânica, organizaremos em três etapas, considerando a abordagem da obra literária, a saber: **antes, durante e depois** da leitura. Dentro de cada etapa, estará discriminado o número de aulas e as práticas privilegiadas.

Pré-leitura: duas aulas

Na sequência aqui proposta, o momento **antes** da leitura contemplará, durante a primeira aula, como foco, a prática de oralidade com a finalidade de projetar, via fala, escuta e performance oral, o **conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero mito**. Na segunda aula, faremos a prática de produção textual.

AULA 1: Situação comunicacional

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer a função de mito como gênero do campo de atuação artístico-literário.• Reconhecer contextos de produção e circulação de textos, no caso, mitos.
(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer mitos como gênero literário.• A partir do título, levantar hipóteses sobre a temática do que será lido.• A partir da capa, levantar hipóteses sobre a temática do que será lido.
(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.	<ul style="list-style-type: none">• Compreender um texto globalmente.• Demonstrar essa compreensão.• Identificar a ideia central de um texto, a saber, do título do livro.

Comece questionando, de maneira despretensiosa, mas sem perder a **intencionalidade pedagógica**, qual o significado de **mito**.

O que é um mito?

Quais mitos vocês conhecem?

Como eles costumam ser escritos?

Para que eles são contados?

É bem provável que todos os alunos conheçam mitos e queiram recontá-los, o que, além de ser um exercício muito interessante para a oralidade, é recomendado pela PNA como um dos pilares do desenvolvimento da **literacia**. É importante, nesse momento, acolher todas as participações e mediar as falas para que não haja um silenciamento e/ou invisibilização de nenhum aluno e de sua experiência pessoal.

Na página 22 deste manual, apresentamos um pouco da importância pedagógica do movimento de reconto na sala de aula.

AULA 2: Produção inicial

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.	<ul style="list-style-type: none">• Planejar narrativas ficcionais, considerando sua estrutura e a função social.• Produzir narrativas ficcionais, considerando os recursos descritivos e a sequência de eventos.• Utilizar marcadores de tempo, de espaço e de fala de personagens.
(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer a função do narrador em uma narrativa ficcional.• Reconhecer a função do espaço/cenário em uma narrativa ficcional.• Reconhecer o efeito do uso dos discursos direto e indireto em uma narrativa ficcional.• Reconhecer a função do enredo em uma narrativa ficcional.• Ler uma narrativa ficcional compreendendo a função de seus elementos.

A ideia desta aula é trabalhar a prática de **produção de texto** e, ao mesmo tempo, suscitar um levantamento de informações do estudante que serão importantes para estabelecer uma **relação de identificação** entre ele, os colegas e as personagens apresentadas no livro. Nesta aula, o trabalho deve ser inicialmente em grupo.

Organize os alunos em grupos e peça que contem entre si histórias com heróis, sejam eles vindos do cinema, dos quadrinhos ou de outros livros. Quaisquer histórias, sem que haja outro elemento delimitador.

DE OLHO NA BNCC

Produção de textos é a prática que abarca a escrita autônoma e compartilhada e a ampliação de repertório.

Em seguida, peça-lhes que redijam uma única narrativa por grupo, que defina os heróis com suas principais características. Por fim, convide os grupos a partilhar essa narrativa com os colegas para que a sala, como um todo, busque encontrar similaridades entre as histórias. Esse é um jeito de fazê-los perceber o que são **valores de herói**, isto é, como heróis são personagens que a cultura já cristalizou como símbolos de algo – um ideal, um poder ou até mesmo um modo de estar no mundo –, formando um imaginário coletivo. Afinal, na maioria das histórias, o herói é valente, corajoso, forte, mas também vaidoso, soberbo, orgulhoso.

Além das similaridades em relação às personagens, peça que reparem em como apresentaram a história (O narrador é personagem? Ou observador? O discurso é direto ou indireto?): é provável que eles reproduzam, na própria narrativa, a estrutura clássica dos mitos, o que denuncia os conhecimentos prévios que possuem.

Leitura: quatro aulas

AULA 3: Leitura

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão lúdica e de encantamento de textos literários. Valorizar textos literários de diversas culturas como patrimônio artístico da humanidade.
(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.	<ul style="list-style-type: none"> A partir do contexto, inferir as informações que complementam o texto.

Para melhor aproveitamento do livro, é importante que a leitura do texto visual e do texto verbal ocorra concomitantemente. Comece analisando a capa. Pergunte aos alunos:

Qual é o título deste livro?

Quais são os nomes dos autores e do ilustrador?

O que significa “adaptação”?

O que é um mito?

Que outros elementos vocês identificam na capa?

*Pelas ilustrações e pelo título, levantem hipóteses: sobre **o que** o livro vai falar?*

Por que leremos este livro? Folheiem o livro: **qual** tipo de estrutura esses textos parecem apresentar: prosa ou verso? Os textos têm título? E subtítulo?

Peça para que os estudantes anotem essas informações no caderno. Essas hipóteses serão confrontadas com as descobertas feitas ao longo da leitura como uma forma de confirmar (ou não) suas hipóteses.

Professor(a), observe se seus alunos identificam que há um título (“Deuses, heróis e monstros”) e um subtítulo (“Histórias da mitologia greco-romana para crianças”). Caso não identifiquem e chamem todo o enunciado de título, planeje uma ocasião para desfazer esse mal-entendido.

A ideia é que eles comecem a perceber **como** texto e imagem trabalham conjuntamente. Então, **leia a obra para os alunos** e peça que eles participem, também, da leitura. A leitura bem modalizada pelo(a) professor(a) é um bom jeito de iniciar uma leitura compartilhada e está prevista na PNA.

Durante a leitura, questione sobre informações que estão implícitas no texto verbal, mas que podem ser depreendidas pelo texto visual ou pelo conhecimento de mundo deles.

Caso haja dúvidas de vocabulário durante a leitura, solicite que os alunos tentem resolvê-las pelo contexto da frase, individual ou coletivamente. Caso não cheguem a um resultado satisfatório, eles podem buscar o significado no dicionário físico ou virtual.

DE OLHO NA BNCC

Leitura é a prática que abarca protocolos de leitura, decodificação/fluência, **formação de leitor**, apreciação estética, estratégia de leitura, compreensão e pesquisa.

AULAS 4 E 5: Análise linguística e semiótica

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF04LP07) Identificar em textos e usar na produção textual a concordância entre artigo, substantivo e adjetivo (concordância no grupo nominal).	<ul style="list-style-type: none"> Identificar em textos a concordância entre artigo, substantivo e adjetivo (concordância no grupo nominal). Usar na produção textual a concordância entre artigo, substantivo e adjetivo (concordância no grupo nominal).
(EF04LP05) Identificar a função na leitura e usar, adequadamente, na escrita ponto final, de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de apostro.	<ul style="list-style-type: none"> Identificar a função na leitura de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de apostro. Usar, adequadamente, na escrita ponto-final, de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de apostro.

DE OLHO NA BNCC

Análise linguística e semiótica é a prática que abarca a análise da construção do sistema alfabético, a forma de composição dos textos, suas normas de escrita, progressão temática e **ilustração**.

As duas aulas que ora apresentamos trabalham com foco na prática de **análise linguística/semiótica**. Você estará trabalhando com uma importante leitura multissemiótica, dada a relação entre textos e ilustrações, enquanto também mobiliza aspectos fundamentais da pontuação, em especial os pontos-finais, a interrogação e a exclamação.

Sugerimos, inclusive, que, depois de ler um pouco do livro, a discussão em torno do título e do subtítulo seja feita:

Por que o adjetivo **greco-romano** foi utilizado no subtítulo?

Qual a ideia que essa palavra acrescenta ao substantivo **mitos**?

Como as ilustrações da capa ampliam o significado do título?

Por que o adjetivo **greco-romana** está no feminino?

Questione, compare com outras possibilidades, como em:

E se fosse “mitos indígenas” ou “mitos japoneses”?

Carregue essa discussão em paralelo à leitura. Mobilize os alunos a perceberem a diferença entre a fala do narrador e o discurso direto nos mitos, destacando a importância da pontuação para essa diferença. Por exemplo, no mito “O toque de Midas”, o narrador primeiro descreve o cenário, antes de introduzir o discurso direto, mas em “Eco e Narciso” a história se inicia com diálogo. Alimente a reflexão com mais perguntas:

Quem já conhecia a história de Midas?

E de Narciso?

Chame atenção para o fato de que alguns personagens deram origem a termos na nossa língua. Pergunte:

Quando você ouve um eco?

O que é um eco?

Como o eco surgiu nesse mito?

Em seguida, chame atenção para a figura de Narciso:

Quem já viu uma flor de Narciso?

Quem conhece o termo narcisismo?



É provável que os alunos, em sua maioria, não o conheçam. Peça, então, que busquem no dicionário o termo “narcisismo” e leia junto a definição. Busque também imagens da flor na internet e, em seguida, questione:

Como o termo *narcisismo* se relaciona com a história de Narciso?

Espera-se que os alunos percebam que alguns substantivos e adjetivos da língua portuguesa têm origem na tradição greco-romana, evidenciando o quanto os mitos estão culturalmente vivos ainda hoje.

AULA 6: Leitura compartilhada

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	<ul style="list-style-type: none">• Ler textos contextualizados de maneira autônoma.• Ler ilustrações contextualizadas de maneira autônoma.• Considerando o repertório pessoal de gêneros textuais e literários, reconhecer se houve predileção ou não pela obra lida.

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os gêneros narrativos ficcionais. • Identificar os elementos da narrativa. • Reconhecer a sequência narrativa. • Identificar os tipos de discurso (direto e indireto).
(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as características do texto narrativo. • Identificar os elementos da narrativa. • Reconhecer e discriminar as partes da sequência narrativa. • Reconhecer e comparar o foco narrativo.

Esta aula tem como objetivo a **leitura compartilhada** – que já foi iniciada na sequência didática. Em especial, sugerimos um trabalho que foque na leitura feita pelos estudantes. Os mitos são textos independentes, pelo que não é necessário que sejam lidos na ordem do livro. Os alunos podem mudar a sequência de leitura, caso tenham preferência por um ou outro texto.

LEITURA COMPARTILHADA

Na **leitura compartilhada**, alunos e professor(a) leem juntos um mesmo texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido. A leitura pode ser realizada em voz alta ou de forma silenciosa. Nesta estratégia, pode-se ler todo o texto ou trechos inteiros, caso isso seja possível.

Professor(a), ser avaliado processualmente é direito de todo aluno. Assim, caso você tenha o desejo de avaliar seus alunos durante a situação de leitura compartilhada, sugerimos o quadro de rubricas a seguir para apoiá-lo(a):

Confira o item **Indicação de leituras complementares** na página 29 sobre planejamento e critérios para avaliação.

SUGESTÃO DE CRITÉRIOS PARA AVALIAR A LEITURA COLABORATIVA DA OBRA

	4	3	2	1
Práticas de compartilhamento de análise	O(A) aluno(a) compartilha com os colegas práticas de leitura/recepção do texto. Além disso, busca tecer comentários de ordem estética e afetiva sobre a obra lida, justificando-os, e tem uma escuta atenta aos colegas.	O(A) aluno(a) busca tecer comentários de ordem estética e afetiva sobre a obra lida, justificando-os ou não, e tem uma escuta atenta aos colegas.	O(A) aluno(a) não tece comentários de ordem estética e afetiva sobre a obra lida, justificando-os ou não, mas tem uma escuta atenta aos colegas.	O(A) aluno(a) não tece comentários de ordem estética e afetiva sobre a obra lida, tampouco oferece uma escuta atenta aos colegas.

Engajamento na leitura colaborativa	O(A) aluno(a) reconhece as características típicas de um mito (por exemplo, ter personagens sobrenaturais e/ou explicar uma atividade criadora) e faz uso de estratégias próprias de leitura. Além disso, sabe compartilhar critérios de apreciação da leitura.	O(A) aluno(a) reconhece as características típicas de um mito (por exemplo, ter personagens sobrenaturais e/ou explicar uma atividade criadora) e faz uso de estratégias próprias de leitura.	O(A) aluno(a) reconhece as características típicas de um mito (por exemplo, ter personagens sobrenaturais e/ou explicar uma atividade criadora).	O(A) aluno(a) não reconhece nenhuma característica de mitos.
			OU	OU
			OU	O(A) aluno(a) não faz uso de estratégias próprias de leitura.
			O(A) aluno(a) faz uso de estratégias próprias de leitura.	

Pós-leitura: três aulas

AULA 7: Oralidade

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.	<ul style="list-style-type: none"> Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza. Em situação de intercâmbio oral (conversa), preocupar-se em ser compreendido pelo interlocutor. Em situação de intercâmbio oral (conversa), usar tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.	<ul style="list-style-type: none"> Escutar, com atenção, falas de professores e colegas. Formular perguntas pertinentes ao tema da conversa em questão. Solicitar esclarecimentos sobre o tema da conversa em questão sempre que necessário.
(EF15LP11) Reconhecer características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor.	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer características da conversação espontânea presencial (respeitar turnos de fala, usar e interpretar gesticulação etc.).
(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.	<ul style="list-style-type: none"> Planejar produção oral com base na leitura de um texto literário. Utilizar linguagem e postura adequadas ao contexto.

Esta aula tem como foco a prática da **oralidade**. E ela pode ser aliada à investigação sobre a fruição despertada pela experiência de leitura. Considerando que a leitura do livro já tenha sido finalizada, incentive as opiniões, críticas, observações e relações estabelecidas pelos estudantes.

Convidar os alunos para realizar um **reconto oral livre** de trechos do livro. O reconto pode ocorrer a partir de uma roda de conversa, em que cada aluno reconta um trecho do texto.

A partir do reconto, convide os alunos a compartilharem suas leituras e opiniões, entre outras possibilidades de interação com o texto:

Do que vocês gostaram? ***Do que*** não gostaram?

O que acharam divertido? ***O que*** acharam triste?

Quem reconheceu ou identificou suas experiências no livro?

O que vocês desconheciam e passaram a conhecer depois de ler o livro?

Vocês aprenderam alguma palavra nova?

Igualmente, incentive-os a fazer boas perguntas sobre a exposição dos colegas, isto é, perguntas cujas respostas exijam uma reflexão por parte do interlocutor, mantendo vivo o diálogo sobre o assunto e mantendo o grupo coeso durante o debate. O intercâmbio conversacional é muito relevante e deve ser trabalhado com cuidado, sem interrupções muito abruptas ou correções que silenciem a fala da criança. Trata-se, como já dito, de uma prática prevista e recomendada na Política Nacional de Alfabetização.

DE OLHO NA BNCC

Oralidade é uma prática que abarca relações entre fala e escrita, produção de textos orais e a **performance oral**.

SAIBA MAIS

Reconto é a reconstrução oral de um texto já existente, seja ele escrito ou oral. A premissa dessa prática em contexto escolar é de que, ao buscar contar um texto de forma parecida ao original (respeitando tema, marcas do gênero, linguagem...), os alunos passem a assimilar estruturas relativamente estáveis dos gêneros (por exemplo, contos de fadas sempre começam com “Era uma vez...”), ampliem vocabulário e, assim, vão dando corpo a seu repertório de leituras significativas e ressignificadas.

Além disso, embora no reconto a meta não seja que o estudante crie ou modifique o texto original (afinal, trata-se também de uma maneira de o(a) professor(a) aferir a compreensão de leitura e escuta desse aluno), é indiscutível que a criatividade é instigada, e isso poderá ser aproveitado em uma produção autoral subsequente. Ademais, é evidente que com essa atividade o aluno tem a possibilidade de desenvolver oralidade, dicitão, turno de fala, entonação, entre outras habilidades do campo da oralidade.

RECONTO NA ESCOLA

No processo de reconto em situação escolar, cabe a você, professor(a), quando necessário, intervir de maneira construtiva nesse texto oral dos seus alunos, orientando-os, por exemplo, sobre especificidades e relações entre linguagem escrita e linguagem oral, ou sobre elementos típicos do gênero textual que devem ser preservados também na oralidade.

A depender do grau de alfabetização dos alunos ou de sua familiaridade com textos literários, bem como do tempo que você poderá destinar a essa atividade, o reconto pode ocorrer desde em uma roda de conversa, em que cada aluno reconta um trecho do texto, como a partir de uma encenação. Em um trabalho mais contínuo e planejado, é possível que você, professor(a), transforme o reconto em uma atividade permanente da rotina escolar, elegendo um aluno a cada semana para recontar um livro. O olhar atento e as intervenções pontuais e construtivas do(a) professor(a) são essenciais em qualquer das modalidades.

AULAS 8 E 9: Produção de texto

QUAIS AS PRINCIPAIS HABILIDADES MOBILIZADAS?	QUAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM FORAM DESENVOLVIDOS?
<p>(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Planejar um mito por meio do reconhecimento de suas características e a função social. • Produzir um mito, considerando sua estrutura e seu estilo. • Produzir um mito, considerando os recursos descritivos e a sequência de eventos. • Utilizar marcadores de tempo, de espaço e de fala de personagens.
<p>(Transição para EF67LP30*) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.</p> <p>* Professor(a), a habilidade EF67LP30, prevista para ser desenvolvida do 6º ao 7º ano, é bastante complexa, o que justifica sua alocação nos Anos Finais. Porém, o livro aqui estudado possibilita o trabalho contextualizado com elementos precursores, tais como sentido denotativo e conotativo. Caso você julgue um trabalho inadequado para a sua realidade, basta desconsiderar a sugestão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Empregar conhecimentos sobre diferentes modos de iniciar uma narrativa. • Utilizar tempos verbais adequados na produção de narrativas. • Fazer uso de pontuação e elementos coesivos adequados para inserir discursos direto e indireto na produção de narrativas. • Aplicar conhecimentos sobre a estrutura e os elementos da narrativa para produzir diferentes contos, crônicas, histórias em quadrinhos e demais gêneros narrativos, tal qual mitos.

Depois de encerrada a leitura compartilhada do livro, o foco estará na produção de texto. Para o trabalho com este título, continuaremos a prática com o gênero **mito**, em especial sua característica de ser um texto amplamente usado para **contar a origem de fenômenos da natureza**.

De maneira a registrar a percepção de **mito de origem** dos alunos, releia a apresentação do livro, que demarca com clareza que: “Com auxílio dos mitos, gregos e romanos encontravam respostas para suas inquietações a respeito da origem das coisas e das relações sociais.” (p. 6-7). Em seguida, releiam o mito de Eco e Narciso, destacando o surgimento do fenômeno eco. A ideia dessa produção é também recrutar elementos cognitivos ligados à seleção de informações e organização mental.

Em seguida, eles deverão escolher um fenômeno da natureza para, a partir dele, **criar um mito de origem**. Algumas ideias: arco-íris, chuva de granizo, trovões, estrelas cadentes ou as ondas do mar. O mito será criado a partir desse fenômeno e deve ter como protagonista um herói ou uma heroína. Esse personagem deve ser criado pelos alunos, porém, os coadjuvantes podem ser personagens já conhecidos. Além disso, é preciso que ele(a) tenha um nome e um epíteto, tal qual “Afrodite, a deusa do amor e da beleza”.

Professor(a), caso, durante o trabalho, você perceba que seus alunos demonstram mais interesse em criar monstros ou deuses, não hesite em **adaptar a proposta**.

Para mobilizar o que já foi anteriormente feito e os saberes já conquistados, sugira que a escolha tenha **a presença de heróis e os valores do heroísmo**.

Divida as aulas entre **planejamento**, na qual constará o levantamento das informações, e **produção** do mito, com projeto de texto e produção final. Durante o planejamento, oriente para que consigam superar etapa a etapa. Assim, o primeiro passo deve ser a leitura da apresentação e do mito. O segundo, a escolha do fenômeno natural. Só depois que o fenômeno for escolhido é que a história que o sustenta deverá ser criada.

Recomendamos que, ao fim da Aula 8 de planejamento, os projetos de texto e/ou esboços dos mitos estejam finalizados e sejam trocados entre os alunos para que possam realizar avaliações por pares ou avaliações colaborativas. Esse processo pode ser orientado pelo quadro abaixo, que pode ser compartilhado com a turma.

Crítérios para orientar a avaliação por pares do mito	SIM/NÃO
Apresenta a origem de um fenômeno da natureza.	
Apresenta personagens com valores de heroísmo.	
Cria um herói que se relaciona com deuses, heróis ou monstros já existentes na mitologia greco-romana.	
Usa elementos típicos de textos narrativos: narrador, enredo, espaço, tempo e personagens.	

Professor(a), ser avaliado processualmente é direito de todo aluno. Assim, caso você tenha o desejo de avaliar seus alunos durante a situação de produção textual, sugerimos o quadro de rubricas a seguir para apoiá-lo(a):

SUGESTÃO DE CRITÉRIOS PARA AVALIAR A ELABORAÇÃO DE UM MITO

	4	3	2	1
Mito de origem	Criou um herói que vive um mito de origem, ou seja, que explica a origem de um fenômeno da natureza.	Criou um herói que vive um mito de origem, porém, que não explica um fenômeno da natureza (baseou-se em outra origem ou recontou um mito que sabia, por exemplo).	Criou um herói que vive um mito com traços de origem.	Não criou um herói. E/OU Não criou um mito.
Aspectos do gênero	É um texto narrativo, tem narrador, cenário e personagens com características heroicas. O tempo é mítico.	É um texto narrativo, tem narrador, cenário, mas as personagens não têm características heroicas ou o tempo não é mítico.	É um texto narrativo, mas há pouco desenvolvimento ou oscilação do narrador. Cenário e/ou personagens não são desenvolvidos.	Não é um texto narrativo, em especial porque não tem um narrador.

Organização e apresentação das ideias	Organizou as ideias num fluxo lógico para o leitor e escolheu boas palavras.	Organizou as ideias num fluxo lógico para o leitor, mas fez uso de palavras ambíguas, genéricas ou inadequadas para o gênero.	O texto oscila entre organização e desorganização.	As ideias não estão organizadas em um fluxo lógico para o leitor. Por exemplo, as ideias do narrador e das personagens se misturam.
Uso da modalidade	O(A) aluno(a) faz bom uso do registro e da variante, apresenta desvios pontuais.	O(A) aluno(a) faz bom uso do registro e da variante, mas apresenta desvios. OU O(A) aluno(a) erra no uso do registro e da variante, mas não apresenta desvios.	O(A) aluno(a) erra no uso do registro e da variante, e apresenta desvios esporádicos.	O(A) aluno(a) erra no uso do registro e da variante, além de apresentar muitos desvios, incompatíveis com a etapa escolar e com as próprias capacidades.
Engajamento na avaliação por pares	O(A) aluno(a) apresentou cordialidade ao avaliar o texto do(a) colega. Além disso, fez boas orientações a ele(a), com base nos critérios sugeridos e em critérios pessoais de apreciação estética.	O(A) aluno(a) apresentou cordialidade ao avaliar o texto do(a) colega. Além disso, fez boas orientações a ele(a), com base nos critérios sugeridos ou em critérios pessoais de apreciação estética.	O(A) aluno(a) cumpriu a tarefa de avaliar o texto do(a) colega, embora sem grande envolvimento.	O(A) aluno(a) não cumpriu a tarefa de avaliar o texto do(a) colega ou cumpriu-a, porém com uma postura descortês.

Autoavaliação de engajamento

A autoavaliação é um exercício de reflexão fundamental para todas as pessoas. Essa avaliação tem grande importância, pois estimula no aluno uma consciência, fazendo com que ele seja cada vez mais ativo e consciente em seu aprendizado. A autoavaliação deve desencadear um processo metacognitivo, ou seja, colocar o estudante, enquanto sujeito da aprendizagem, para pensar sobre sua própria aprendizagem e expressar suas conclusões. Considerando essa essência, qualquer estratégia, oral ou escrita, que promova essa autorreflexão pode ser adotada como autoavaliação. Abaixo, sugerimos rubricas de autoavaliação de engajamento nas aulas, para serem compartilhadas com os alunos.



SOBRE A MINHA POSTURA NAS AULAS

Eu me envolvo positivamente com as aulas. Apresento um bom comportamento (sigo corretamente combinados e colaboro com a aula).	Eu me envolvo positivamente com a aula na maioria das vezes. Apresento um bom comportamento (sigo corretamente os combinados, mas não colaboro com a aula).	Geralmente, não me envolvo com a aula. Não tenho interesse pela maioria das propostas.	Não me envolvo bem com a aula. Não me comporto bem, não sigo as regras.
--	---	--	---

Adaptação para o remoto

Toda a sequência proposta poderá ser adaptada para o ensino remoto. Caso as aulas estejam sendo feitas de maneira assíncrona, sugerimos que as atividades de oralidade sejam gravadas e reproduzidas para a turma, de maneira a permitir que a prática se efetive, ainda que não de maneira simultânea.

A leitura compartilhada só será possível em aulas síncronas. No caso de aulas assíncronas, sugerimos práticas de modalização de leitura pelo(a) professor(a) – a ser reproduzida pelos estudantes – bem como a prática de reconto.

Para além da sala de aula: registrando e compartilhando

Para levar a obra *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças* para além da sala de aula, você pode convidar a turma para divulgar na comunidade o resultado das produções artísticas realizadas para a atividade de elaboração dos mitos que os(as) estudantes redigiram. Isso pode se dar, em princípio, de duas diferentes maneiras, não excludentes:

- Elaborar *cards* com os mitos ou parte deles e divulgá-los nas redes sociais da escola. Dada a abrangência das redes sociais, é de se esperar que os mitos alcancem muitas pessoas.
- Produção de pequenos vídeos em que os alunos leiam em voz alta os mitos produzidos e selecionados para a culminância do trabalho. Esses pequenos vídeos podem ser gravados e editados no espaço escolar ou com as famílias dos alunos.



A PNA e a Literacia Familiar

De acordo com a PNA, a literacia familiar corresponde a um conjunto de práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita, que a criança vivencia com seus familiares.

Professor(a), você pode sugerir práticas, como:

- (a) **Interação entre adultos e crianças na família:** as conversas em atividades diárias estimulam relacionamentos positivos entre os cuidadores e as crianças, frequentemente mães, pais e filhos, além de auxiliar no desenvolvimento do vocabulário. Assim, quanto mais conversas (de qualidade), mais as crianças aprendem.
- (b) **Leitura compartilhada de livros:** por meio da prática frequente (se possível, diária), os adultos da família auxiliam as crianças a se familiarizarem com tudo o que envolve o objeto livro: a cultura, a natureza, as suas próprias emoções, as letras, as palavras, a organização e as funções da escrita etc. – habilidades que são e serão fundamentais para a aprendizagem da leitura ao longo de todo o Ensino Fundamental. Nesse tópico, é importante indicar aos pais e cuidadores o quanto importante é o diálogo entre eles durante a leitura, propiciando espaços para que ambos contribuam durante a leitura do livro. No caso de crianças de 4º e 5º anos, elas próprias podem ser agentes de leitura em suas famílias.
- (c) **Diversão em família:** a brincadeira, o canto, a dança e outras atividades que envolvam a participação das crianças e dos familiares estimulam habilidades motoras e socioemocionais que também são relevantes para o desenvolvimento das crianças.

Além disso, você pode criar uma rotina de leituras que deve ser feita em casa, por meio do envio de livros da biblioteca escolar ou da sala de leitura selecionados por você, ou até mesmo um rodízio de livros disponíveis na escola.

No caso do livro *Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças*, pode-se pedir que os familiares leiam os mitos em conjunto com as crianças, ou que conversem sobre quais mitos eles já conheciam e como era a história, de forma que se percebam as modificações na maneira que os autores escolheram para contá-los no livro. Esses momentos de interação com a família podem ser registrados em fotos e vídeos para aproximar as relações entre a família.





Referencial bibliográfico comentado

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito, por lei, na Educação Básica. É um compromisso do Estado brasileiro para favorecer as aprendizagens de todos os alunos e fortalece a colaboração entre união, estados e municípios. Seus fundamentos pedagógicos se ligam ao compromisso com a educação integral, ou seja, com a formação e o desenvolvimento humano global, nas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. O principal desafio da BNCC, enquanto meta político-educacional, é estabelecer um pacto nacional em torno da igualdade de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes durante a Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *BNCC em planilha*. Planilha: Ensino Fundamental - Língua Portuguesa, 4º e 5º ano. Aba “Língua Portuguesa comentada” referente à habilidade EF15LP15. Brasília, 2018b. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 out. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito, por lei, na Educação Básica. No site da Base há uma ferramenta de download do documento em formato editável. A partir de uma seleção, é possível baixar uma tabela com os dados desejados e editá-la por meio de um editor de planilhas. Para o Ensino Fundamental, os filtros permitem o download das competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver em todas as áreas do conhecimento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Caderno da Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

O Caderno da Política Nacional de Alfabetização é um guia explicativo, destinado a estados e municípios, professores e alunos do Ensino Fundamental, pais e responsáveis, bem como estudantes da educação de jovens e adultos, que detalha a política, abordando desde o cenário atual, marcos históricos e normativos no Brasil, apresenta importantes relatórios científicos internacionais e aborda conceitos sobre alfabetização, literacia e muito mais.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

Desta riquíssima obra de Antonio Candido, selecionamos o clássico “O direito à literatura” não só pela sua importância teórica, mas por, definitivamente, sintetizar o que rege este material, isto é, a visão da literatura – e da arte e de sua fruição – como um direito humano.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

Livro de referência para a compreensão da literatura nacional, mas também para a sistematização do saber literário. Na sua introdução e nos primeiros capítulos, com habilidade e didática única, Antonio Candido explica como se forma – e sua função enquanto arte – a literatura.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

Nesta obra, Teresa Colomer apresenta reflexões sobre a teoria e a prática do ensino, produção, circulação e recepção de literatura infantil e juvenil na atualidade. É um livro fundamental para a compreensão da relação da literatura com o universo da criança e as principais questões que envolvem a formação do leitor literário. Além da discussão, a obra apresenta vasta bibliografia de apoio para auxílio do professor.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

Este livro é fruto do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Genebra na construção de um procedimento denominado Sequência Didática. Dolz, Noverraz e Schneuwly definem-no como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito”. Para eles, a SD permite criar um contexto de aprendizagem para o desenvolvimento de práticas de linguagem em diferentes campos de atuação.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Grande estudioso do campo do Sagrado, Eliade é especialista em trabalhos de mitologia, tendo várias obras publicadas sobre o assunto. Selecionamos esta justamente pela sua relação com a realidade e a aproximação feita pelo autor entre a mitologia clássica e a literatura contemporânea.

LINDEN, Sophie van der. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.

Um livro que, para além da reflexão teórica sobre ilustração, carrega consigo depoimentos, análises, história da literatura e um diálogo constante da literatura francesa com aquela produzida em outros países. Apresenta desde a história da ilustração até métodos de leitura, análise e classificação das ilustrações.

Indicação de leituras complementares

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

Intensamente lido e citado por quantos se interessam pelo tema, esse texto apresenta um vasto panorama da literatura nacional que circulou entre as crianças brasileiras, tomando por ponto de partida a literatura oral e chegando até a produção de Monteiro Lobato. Além de ser um documento histórico, que remonta às origens desta categoria de escrita no Brasil, a obra serve como um extenso objeto de estudo e pesquisa.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Premiado com o “Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2013”, a obra é composta por quatro textos que discorrem sobre a importância da “escuta”, da “conversação literária” e do “registro” para o êxito no trabalho com a leitura literária. Bajour chama a atenção para a importância da formação do mediador, responsável, em grande parte, pelo sucesso ou pelo fracasso das ações promotoras da formação do leitor em contexto escolar.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do Livro Infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

Praticamente 30 anos após sua publicação, trata-se até hoje de um livro fundamental para quem deseja estudar ilustração em livros infantis e infantojuvenis. Entre outras relevantes questões, o autor elenca e analisa as principais técnicas de ilustração utilizadas na literatura infantil brasileira.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

Fruto de uma extensa pesquisa realizada na Espanha, país natal da autora, este livro, certamente um clássico sobre o tema da formação do leitor literário, apresenta informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e à juventude.

FECHAMENTO de ano e planejamento – Ideias para a transição entre 2020 e 2021. Brasil: Nova Escola; Série Trilhas do Amanhã, 2020. On-line (100 min.), son., color. Disponível em: bit.ly/PNLD-Rubricas. Acesso em: 14 out. 2021.

Pensando em apoiar o trabalho docente na busca por instrumentos de avaliação que correspondam às multidimensões mobilizadas não só nas sugestões de atividades deste material, como também e sobretudo pelo paradigma da Base Nacional Comum Curricular, sugerimos um estudo sobre checagem de critérios (checklist), esquemas explícitos para classificar produtos ou comportamentos, em categorias que variam ao longo de um contínuo. Podem ser usadas para classificar qualquer produto ou comportamento, tais como redações, ensaios, trabalhos de pesquisa, apresentações orais e atividades. Elas podem ser usadas para prover feedback formativo dos alunos e aos alunos no processo de dar notas ou avaliar trabalhos. Nesta edição da série Trilhas do Amanhã, da Nova Escola, é possível assistir a um minicurso sobre o assunto.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Peter Hunt é um dos principais críticos de literatura infantil e juvenil da contemporaneidade. Ao se propor a estudar a literatura infantil por viés teórico e não histórico, cultural ou afetivo, o pesquisador inglês estuda questões como o objeto livro, a noção de leitor e de leitura na infância, e principalmente a definição de o que é ou pode ser literatura infantil. Seus questionamentos são lidos ao lado da teoria literária do século XX, o que os torna especialmente relevantes.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Para Delia Lerner, é fundamental apresentar os objetos de conhecimento aos alunos em sua complexidade, trazendo os saberes em sua integralidade e rompendo com simplificações e fragmentações. Em resumo, falamos que a aprendizagem progride por sucessivas reorganizações do conhecimento.

Indicação de obras que dialogam com Deuses, heróis e monstros: Histórias da mitologia greco-romana para crianças



HÉRCULES. Direção: Ron Clements, John Musker. Produção: Alice Dewey, Ron Clements, John Musker. Roteiro: Ron Clements, John Musker, Donald McEnery, Bob Shaw, Irene Mecchi. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1997. 1 filme de animação (93 min.), son., color.

Muito tempo depois de Zeus, governante dos deuses do Monte Olimpo, derrotar os Titãs e enclausurá-los nas profundezas da Terra, ele e a sua esposa Hera dão à luz um filho, Hércules. Todos os deuses do Monte Olimpo comemoram o nascimento de Hércules, exceto Hades, que foi destinado a comandar o Mundo Inferior. A animação nos conta, entremeados a muitos mitos gregos, a tentativa de Hades de destruir Hércules e sua vitória como herói.

PACHAMAMA. Direção: Juan Antin. Produção: Didier Brunner. Roteiro: Christophe Pujol, Juan Antin. França; Luxemburgo; Canadá: Folivari, 2018. 1 filme de animação (72 min.), streaming, son., color.

Quando uma estatueta sagrada é misteriosamente roubada de uma pequena vila na Cordilheira dos Andes, um menino corajoso, que sonha em se tornar xamã, parte em uma aventura com a intenção de trazer o artefato de volta.